

PROJETO DA ÁREA DE ANÁLISE DE DISCURSO

Profa Dra Eni P. Orlandi

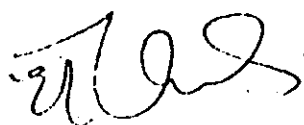
À guisa de Introdução

Há algum tempo, estamos procurando discutir como articular, da forma mais apropriada, o trabalho de alunos e professores que atuam nos programas de Pós-graduação do IEL.

Inspirados no exemplo de outras áreas, que têm uma história mais familiar com a pesquisa em seus quadros curriculares (como é o caso das ciências exatas e biológicas), temos estado propondo discussões que levem à articulação entre pesquisa e ensino, de forma regular, na área de ciências humanas. Isso, a nosso ver, permitirá que alunos e professores possam otimizar suas condições e relações de trabalho nos Programas.

Esta nossa proposta, específica à Área de análise de discurso (vale dizer: específica mas certamente não exclusiva), visa essa forma de atuação no Programa de Pós Graduação, caracterizando-se, por isso, menos pela inauguração de novas perspectivas do que pela reunião do que já existe e a projeção de um objetivo comum que, este sim, traz algo de novo como projeto.

Campinas, março de 1987



1

PROJETO DA ÁREA DE DISCURSO JUNTO AO DEPARTAMENTO DE
LINGUÍSTICA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Nome do Projeto: DISCURSO, SIGNIFICAÇÃO E BRASILIDADE

Tema: A análise e explicitação dos PROCESSOS DISCURSIVOS relevantes na configuração da BRASILIDADE ("identidade nacional"), em seus aspectos religioso, político, jurídico, lingüístico, cultural (cantigas, canções, humor, narrativas etc), tendo em conta o contexto histórico-político-social.

Coordenação: Profa Dra Eni de Lourdes Pulcinelli Orlandi

Participação: Interessados em geral, cuja formação permita participar de projeto em nível de pós-graduação.

Tipos de Participantes: Alunos do Programa de Pós-Graduação, pesquisadores da área e alunos em fase de transição (graduação/pós-graduação; mestrado/doutorado; doutorado/profissionalização).

Objetivos:

1. Voltados para a UNIVERSIDADE.

Sistematizar, na relação de trabalho institucional, na Universidade, as relações de conhecimento, procurando criar um espaço em que ensino e pesquisa se articulem de forma efetiva e produtiva. É isto no sentido de propiciar condições materiais de base, de convivência intelectual e de trabalho acadêmico, assim como de experiência de pesquisa, com objetos de conhecimento inscritos na área de Análise de Discurso. Desenvolver de forma articulada pesquisas que poderão, enquanto resultados, conduzir a um conhecimento integrado dos processos de significação na linguagem.

2. Voltados para o TEMA.

Trazer para a reflexão sobre a nossa história, a forma de conhecimento produzida pela Análise de Discurso. Esta forma de conhecimento tem de, específico acarretar um deslocamento (documento = discurso) na relação com o objeto de conhecimento his-

são do que chamamos "nossa história". Vale ressaltar que são problematizados, fundamentalmente, na perspectiva que propomos, os conceitos de "nação" e de "cidadão".

Objeto: Diferentes textos de diversas naturezas (verbal e não-verbal), tais como textos escritos, orais, música, pintura, etc, nos quais se mostram mecanismos discursivos significativos para o tratamento do tema proposto.

Estrutura do Projeto: O projeto deve articular análises de discursos distintos mas que se relacionam, em função do tema, pela produção da brasilidade, ou, pela chamada constituição da identidade nacional (o "ser brasileiro"): quanto à língua (relação tupi/português, normatividade do português brasileiro, relação oralidade/escrita na constituição do português brasileiro, etc); quanto à chamada cultura popular (cantigas, "causos", humor, etc); quanto ao aspecto jurídico-político (a definição do "cidadão - brasileiro", nas tramas discursivas instituídas (urdidas), por exemplo, pelas falas do Marquês do Pombal, ou pelos discursos do general Médiçi, etc); quanto às determinações religiosas (relatos de missionários, crenças, etc); pelos relatos de viajantes (como Hans Staden, etc), de botânicos, geógrafos, telegrafistas etc (da Comissão Rondon, por exemplo) que vão compondo os "documentos" de nossa brasilidade oficial; ou mesmo a análise da brasilidade construída por textos de nossa literatura.

Que história nos é contada, perguntaríamos, e com a qual a gente se identifica, enquanto brasileiros. Quais são os mecanismos de constituição e funcionamento dessa historicidade que podem ser apreendidos (lidos) pela análise de sua configuração nos processos discursivos?

Como se tem excluído o SILÊNCIO das considerações

nos dar, no final, subsídios para tratarmos a questão da exclusão do silêncio da história da reflexão sobre a linguagem (tanto na Gramática como na Retórica), e a exclusão que o silêncio produz na história da brasilidade, dividindo o que se conta e o que não se conta. Esta é, aliás, uma das formas eficazes da prática da violência simbólica, no confronto de relações de força, no jogo do poder: o silenciamento que o acompanha.

Além disso, como é possível se fazer uma leitura psicanalítica desse "ser brasileiro", o projeto inclui a reflexão sobre o "sintoma do brasileiro", isto é, a maneira como ele lida com o imaginário, com o simbólico, afetado sintomaticamente por fazer parte dessa "coisa" que é ser brasileiro, ou seja, pelo "sentimento de sua brasilidade". Alguns autores (textos) serão, então, objeto de estudo (Oswald de Andrade, por exemplo, que fala sintomaticamente desse sintoma "brasílico").

Conceitos e Método

A noção de DISCURSO, ao mesmo tempo em que leva a análise para além do limite da frase, desloca a reflexão da dicotomia língua/fala, em que a língua aparece como sistema abstrato (ideologicamente neutro) e/ou código (com função apenas informativa). Para tanto a Análise de Discurso reintroduz a noção de sujeito (e, por ela, a de IDEOLOGIA) e a de situação (e, por ela, a de CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO) de constituição.

Dessa forma a Análise de Discurso (doravante AD) objetiva mostrar - quanto ao sujeito da linguagem, a relação mundo/linguagem e ao sentido - que estes não são transparentes e que devem ser pensados em seus processos (histórico-sociais) de constituição.

Podemos, então, definir a Teoria do Discurso como sendo a determinação histórica dos processos de significação. Isto a que chamamos, na perspectiva da AD, de Semântica Discursi-

produzido.

Diferentemente da Lingüística - que a AD pressupõe mas reavalia criticamente - trata-se de dar conta dos processos de produção da linguagem e não de seus produtos. Para isso se faz necessária a remissão da linguagem à sua exterioridade, na medida em que esses processos são de natureza social, institucional, logo, regulados (e reguladores).

Ao contrário da Análise de Conteúdo, entretanto, não se parte da exterioridade para se encontrar, na textualidade, as marcas que comprovam ou ilustram essa exterioridade, mas se parte da historicidade inscrita na própria textualidade, ou seja, se considera que a textualidade, em si, é histórica. E o que interessa para o analista de discurso não é a exterioridade em si (empírica, como um dado a priori) mas a interrelação constitutiva da linguagem com a exterioridade, em processo.

O movimento que se faz é, pois, o que vai do texto em direção às suas condições de produção e não o inverso. Como diz Courtine (1982) "o discursivo materializa o contato entre o ideológico e o lingüístico, no sentido em que ele representa, no interior da língua, os efeitos das contradições ideológicas e, inversamente, ele manifesta a existência da materialidade lingüística no interior da ideologia."

A AD trabalha, ainda segundo Courtine (idem), "um objeto inscrito na relação da língua com a história (...) Sobre uma mesma língua que lhe serve de base, temos processos discursivos (ideológicos) que se desenvolvem". Por isso é que podemos tratar do fato de que "em uma conjuntura dada da história de uma formação social, caracterizada por certo estado das relações sociais, sujeitos falantes tomados na história, podem concordar ou se confrontar sobre o sentido a ser dado às palavras, podem falar diferente falando, no entanto, a mesma língua".

A unidade básica, aí a língua, como diz Pêcheux(1975), é o fundamento (a condição) da diferença(discurso).

O discurso é efeito de sentidos entre locutores. Não é fechado em si mesmo, tendo relação com outros dizeres e com as condições de sua produção. Analisar a produção desses efeitos é ter em conta as formações imaginárias que constituem suas condições de produção: a imagem que se faz do locutor, a do interlocutor, a do objeto do discurso, etc. É ter também em conta a intertextualidade (relação de um discurso com outros) e a relação de forças (posição, no discurso, que reflete a situação que ocupam os interlocutores na formação social). É sobretudo levar em conta o mecanismo (também imaginário) da antecipação que sustenta todo o jogo argumentativo: a capacidade de se "antever", pela imagem, o lugar do outro no discurso e produzir seu discurso em direção a essa posição antecipada.

Em termos de técnicas de análise(cf mais adiante), não trabalharemos com segmentos mas com recortes de linguagem. Esses recortes têm de particular o fato de se constituírem de fragmentos de linguagem-em-situação. Não obedecem, pois, em sua delimitação, apenas a determinações lingüísticas estritas (imanes) mas incluem a relação do lingüístico com sua exterioridade.

No conjunto, o que faremos é procurar re-constituir, pela comparação e análise de fragmentos textuais, a trama discursiva que sustenta (pelo simbólico) a instituição do chamado "sentimento pátrio", ou a "impressão de ser brasileiro", restituindo-lhe a materialidade, a história.

Analisando os materiais lingüísticos como discursos, procuraremos tratá-los enquanto funcionamentos, ou seja, "atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um interlocutor determinado, com finalidades específicas" (Orlandi, 1983).

Considerando, então, que não há uma relação mecânica entre as marcas formais e o que elas representam nos processos

teriais de base lingüística - chegar à compreensão dos mecanismos particulares aos discursos que serão objeto de nossa análise. Para tal, os relacionaremos às formações discursivas que os presidem. Compreender um discurso é apreender a sua relação com a formação discursiva que regula seu funcionamento. É explicitar seu modo de existência institucional.

Com esses procedimentos analíticos, procuraremos atingir o próprio modo de constituição desse complexo discursivo, que (se) elabora, continuamente, (ao longo de) a nossa história, produzindo nossa "brasilidade".

Na perspectiva da AD que adotamos, não almejamos a "completude", isto é, dar conta de toda a história da produção discursiva da "brasilidade". Isso seria impossível pois não há esse "fechamento" em processo discursivo nenhum. Basta-nos chegar a algumas de suas propriedades, a um seu modo de constituição. Essas propriedades, esse modo de constituição, uma vez estabelecidos, poderão então ser reconhecidos (detectados) em fragmentos textuais os mais diversos, dispersos pela nossa história.

Corpus e Método

A delimitação do "corpus" não segue critérios empíricos (positivistas) mas teóricos. Desse modo, a questão da exaustividade adquire novas determinações, ou seja, a exaustividade deve ser considerada em relação aos objetivos e à temática e não em relação ao material lingüístico empírico (textos) em si. Esse material se organiza em função de um princípio teórico, segundo o qual a relação entre o lingüístico e o discursivo não é automática, não havendo bi-univocidade entre marcas lingüísticas e os processos discursivos de que são o traço (as pistas). Isto revela, paralelamente, a relação entre a Lingüística e a AD: não se aplica

a Linguística diretamente na AD; se concebe o lugar da descrição das sistematicidades da língua na descrição dos discursos (aplicação da Linguística na AD). Por seu lado, as marcas lingüísticas em si não dizem muito sobre um discurso. É preciso considerar o modo como aparecem num discurso, ou seja, temos de estabelecer sua função em relação à propriedade do discurso que é o objeto de análise, já que estamos caracterizando significativamente o discurso, em relação às marcas que o constituem. Ex: o modo como o imperativo caracteriza o discurso da publicidade, o discurso pedagógico etc. A marca lingüística é relevante para especificar unidades lingüísticas até a frase, mas ~~dá~~ diz muito pouco quando o alvo da análise é o discurso.

Além disso, ainda em relação à delimitação do corpus, devemos observar que, dada a metodologia da AD, sabemos que, empiricamente, o que se tem é um continuum discursivo, em que o início e o fim não são determinados e, logo, não são detectáveis perceptualmente. O que se analisam são estados de um processo discursivo, sem pretender fechar esses estados em si mesmos mas, antes, vendo neles as relações com outros estados desse mesmo processo.

Nessa perspectiva, os textos devem ser tomados como exemplares de discurso.

O texto é a unidade empírica de análise (cf. Halliday, o texto como unidade da linguagem em uso, 1976), e o discurso é a unidade teórica (incompleta, sem limites etc).

Então, se visa o texto enquanto exemplar do discurso, remetendo este à uma Formação Discursiva que o regula e que, por sua vez, tem uma relação determinada com a Formação Ideológica. É nessa remissão que encontramos o que é sistemático, regular, constante, em relação ao funcionamento do discurso.

Tampouco trabalharemos o texto tendo em mente (como - suporte) a idéia de texto completo. São recortes que nos interessam, na comparação de textos diferentes e que nos mostram propriedades importantes (significativas) em relação ao tema de nossa

pesquisa e na medida em que indicam características importantes dos processos de significação relativos à identidade cultural e social.

Esses recortes, por seu lado, não são um fato do analista mas da relação do analista com o material de análise, na detecção dos processos significativos que nele se inscrevem. Uma vez detectado um processo significativo relevante para o tema e objetivo da pesquisa, ele deve ser procurado ao longo do corpus, pelos recortes. Resta lembrar que outros processos a ele associados passam também a ser objeto da observação.

Na determinação dos processos de significação, o conceito básico é o de Formação Discursiva.

O discurso não é nem um sistema de idéias, nem uma dispersão em ruínas mas um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação (Foucault, 1969), ou, dito de outro modo, é uma dispersão de textos cujo modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas.

Essas regularidades é que são, consignadas pelas F.D.

Essas F.D., por sua vez, são um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem, numa época dada, e para uma área social, econômica, geográfica e lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa (Foucault, Arqueologia do saber, 1972).

As coerções do sistema supõem que tudo não pode ser dito ("A ordem do discurso", Foucault, 1971); O discurso supõe que no interior de uma língua, para uma sociedade, um lugar, um momento definido, só uma parte do dizível é acessível e que este dizível forma um sistema e delimita uma identidade. As unidades do discurso derivam, ao mesmo tempo, de uma semiótica textual e da história que dão razão às estruturas de sentido que elas produzem (desenvolvem).

Definir um discurso, assim, não é tanto remeter a um conjunto de textos efetivos (superfície lingüística empírica) mas a um conjunto virtual, o dos enunciados produzíveis conforme às coerções da formação discursiva.

O discurso não é um conjunto de textos, é uma prática. E, como toda prática, é constituída pela ideologia.

Para entendermos o modo pelo qual a ideologia entrinha a prática que é o discurso, devemos começar pela compreensão de que não existe discurso sem sujeito e não existe sujeito sem ideologia. É da remissão do discurso à F.D. e da delimitação desta pela sua relação com a F.I. que qualquer prática de linguagem adquire sentido. Os sentidos e o sujeito se constituem simultaneamente no interior de uma F.D. no confronto entre as diferentes F.Ds. Desta relação resulta a historicidade tanto do sujeito como do sentido.

Para atingirmos este modo de constituição dos sujeitos de linguagem e dos sentidos que produzem, devemos fazer algumas distinções com as quais operamos na delimitação do corpus. São elas: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

Universo Discursivo (U.D.): conjunto de formações discursivas que interagem numa conjuntura dada (conjunto finito). É pouco útil operacionalmente pois só define a extensão máxima, o horizonte a partir do qual serão construídos os domínios suscetíveis de serem estudados, os campos discursivos.

Em nosso caso, seriam todos os discursos produzidos que se podem remeter à questão da brasilidade, em qualquer época, em qualquer região, de qualquer tipo etc.

Campo Discursivo (C.D.): conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência (aliança, confronto, neutralidade aparente etc), se delimitam reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. Vê-se aí o modo de encontro entre as F.Ds.

É no interior do C.D. que se constitui um discurso e a hipótese é a de que esta constituição pode ser descrita em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes (gênese e interdiscurso).

Em nosso caso são as citadas no tema.

Espaços discursivos (E.D.): sub-conjuntos de F.Ds. de que o analista julga as relações pertinentes para seu propósito. Resulta de escolha. Só o fazemos em relação a um corpus e a um objetivo (supõe o conhecimento dos textos e um saber histórico).

Seria, por exemplo, a relação entre o discurso missionário e o dos viajantes, nos séculos XVI e XVII.

Resta lembrar que não dá para dissociar a interação dos discursos do funcionamento intra-discursivo. Porque todo enunciado do discurso é absolutamente dialógico. Daí a necessidade de trabalharmos com a incompletude, a interdiscursividade e a gênese, na relação entre discursos. Daí a presença do inter no intra-discurso, e o nosso empenho em analisarmos como o inter-discurso (vertical) está, ou melhor, constitui o intra-discurso (horizontal).

Em suma, a partir de uma questão inicial - como a trama histórica das diferentes F.Ds. produz a brasilidade - e de uma tomada de posição metodológica - tomam-se os "documentos" como discursos e se visa a sua historicidade - analisaremos os processos discursivos e os efeitos de sentido que eles produzem, tendo em vista o tema geral que nos propusemos.

Modo de Articulação dos Diferentes Sub-Projetos

Como se trata de um projeto amplo, e que deve se vincular a (e delimitar) uma Área de programa de pós-graduação, o seu desenvolvimento supõe uma articulação de atividades e de resultados, sem perder a especificidade e a unidade independente originária dos projetos particulares que a ele se vinculem.

Gostaríamos de enfatizar que a função básica de um empreendimento como este é servir de lugar de integração (racionalização) das atividades próprias aos Cursos regulares da Pós-Graduação.

Desse modo, os sub-projetos que integrarão o Projeto de Área estarão voltados para as questões e objetivos específicos

que cada pesquisador se propôs. A articulação deverá se dar a nível do material pesquisado (o corpus) e posterior interpretação de resultados, em função do objetivo geral do Projeto da Área.

Para tornar mais fácil (ou exequível) a integração dos sub-projetos, procedemos a uma subdivisão do tema geral que pode se expressar como segue:

a. Formas institucionais do discurso e a determinação dos seus processos, de significação. Nessa subdivisão se inserem pesquisas cuja atenção está voltada para o discurso enquanto este se liga a uma ordem institucional tal como: a religiosa, a política, a jurídica, a pedagógica, a psicanalítica, e mesmo à do cotidiano.

b. O Lúdico na constituição dos processos discursivos. Aqui será objeto de reflexão manifestações de linguagem - como cantigas, humor (inclusive cartoon), literatura, teatro, composições musicais (cantigas, música popular etc) - em que predomina o caráter lúdico.

c. Identidade lingüística (e cultural) e processos discursivos. São objeto de análise nessa subdivisão tanto aspectos vários da identidade da língua portuguesa no Brasil (sua relação com as línguas indígenas, a sua normativização etc), como a história da constituição da identidade nacional, observada na história de contato inter-étnico, pela análise de funcionamentos discursivos típicos como o dos missionários, de viajantes etc. Faz ainda parte dessa subdivisão, o estudo de funcionamentos discursivos em línguas indígenas (análise de aspectos textuais, rituais, lingüístico-discursivos, míticos etc.)

Atualmente, já há trabalhos em andamento na Área de Análise de Discurso que podem ser reunidos sob a temática geral que estamos propondo, e que podem compor, após elaboração dirigida para este fim, o conjunto de reflexões que constituem o Projeto da Área. São eles:

- 3.0 juridismo marcando as palavras no discurso cotidiano(em curso).
- 4.0 discurso sobre a mulher e o amor na MPB(em curso).
- 5.Aspectos discursivos da língua bakairi(em curso).
- 6.0 discurso jornalístico em épocas de rupturas políticas no Brasil(em curso).
- 7.0 discurso das lideranças indígenas(já terminada uma etapa,até 1981).
- 8.0s discursos missionários no Brasil(em curso).
- 9.A língua imaginária e a língua fluida:a influência do tupi no português(em curso).
- 10.0s discursos da 3ª república:os militares e a opinião pública.
- 11.0s discursos político-partidários no Brasil(em curso).

A seguir listaremos alguns projetos que devem ser incluídos a curto prazo:

- 1.0 discurso dos viajantes(Hans Staden e outros).
- 2.A dimensão jurídica na fala do Marquês de Pombal(de Rui Barbosa,e outros).
- 3.Humor:o "estilo" brasileiro e suas diferentes manifestações em materiais discursivos distintos.
- 4.A constituição do português do Brasil:aspectos discursivos relativos à distinção entre oralidade e escrita.
- 5.Discurso missionário:relação entre Jean de Léry e A.Thévet.A controvérsia entre protestantes e católicos.
- 6.0s discursos missionários:correspondência.
- 7.0s discursos missionários hoje:comparação entre alguns aspectos do trabalho missionário entre os grupos Tupi(Assurini),Jê(Xerente) e Guarani(Kaiwá).
- 7.A análise de documentos encontrados em arquivos da Propaganda Fide em Roma,do Arquivo Secreto do Vati-

9.A análise de documentos do discurso missionário ,
de viajantes ou de Comissões (como a Rondon) que
se encontram em arquivos brasileiros.

Não listaremos os projetos que devem ser desenvolvidos a médio e longo prazos pois podem sofrer alterações na medida em que, ao fazerem parte do programa de Pós-Graduação , pode haver interesses que determinem algumas prioridades ainda não consideradas.

De todo modo, é preciso afirmar que, além do corpus comum aos diferentes trabalhos, serão sempre consideradas duas exigências para a integração dos sub-projetos: a. que eles atendam à possibilidade de articulação com o tema geral em sua proposta e b. que se relacionem na interpretação dos resultados.

No início da implantação do Projeto, trata-se de verificar (modificar ou adaptar) como se pode , da melhor maneira, integrar o Projeto:

a. No Programa de Pós-Graduação de Lingüística inicialmente, e, depois, com Projetos de outros Programas do IEL, de outros Institutos da Unicamp e mesmo com outras Instituições que tenham propostas na mesma perspectiva;

b. No trabalho dos alunos;

c. No conjunto de atividades didáticas do Curso;

Também é preciso cuidar para, da melhor maneira possível, articular o Projeto:

a. Com a Pro-reitoria de Pós-Graduação e a de Pesquisa;

b. Com os órgãos competentes de pesquisa.

Visando fornecer condições materiais de base e prover de um modo de inserção no Programa que ajude o aluno a encontrar e desenvolver seu projeto, atuando na pós-graduação de forma a agilizar seu tempo de permanência no Programa. Além disso, a proposta visa também formalizar a relação de pesquisa como parte integrante e regular das atividades de Pós-Graduação em Lingüística, tendo para isso o suporte institucional dos órgãos competentes.

Atividades Previstas

1. Elaboração da bibliografia básica e posterior desenvolvimento.
2. Coleta de dados e constituição do corpus (Construção de um pequeno arquivo).
3. Seminários de Pesquisa (para discussões teóricas e de andamento de pesquisas).
4. Redação e discussão de resultados dos projetos específicos.
5. Articulação de resultados específicos com o Projeto de Área.
6. Redação e discussão de resultados finais.

Cronograma

Duração: 5 anos

- 1 ano: coleta do material de análise e estabelecimento de bibliografia básica para o Projeto da Área.
- 2 anos: análise do material discursivo empírico coletado.
- 1 ano: redação das partes.
- 1 ano: conjugação dos resultados parciais e conclusão dessa etapa proposta, com avaliação para perspectivas futuras.

Observações: 1. O projeto deve ter uma dinâmica que permita a entrada de novos projetos específicos (articulados ao tema geral) no seu desenvolvimento. Estamos, assim, estabelecendo etapas de cinco anos para apresentar resultados. No entanto, deverá haver um funcionamento contínuo até que haja necessidade de reformulação radical ou de mudança de tema geral; 2. Como o próprio estabelecimento do corpus representa já uma pesquisa de arquivos, com as dificuldades que se podem prever, o prazo de um ano para essa atividade pode ser estendido.

Relevância

Há várias ordens de razão pelas quais se poderia atestar a relevância de um projeto da natureza do que estamos propondo.

Gostaríamos de ressaltar algumas delas, que distinguimos enquanto importância teórica e importância prática.

A. Em termos teóricos, trata-se da possibilidade de se ter um conjunto de trabalhos de análise que certamente terão consequências fecundas para a reavaliação crítica de conceitos, o esclarecimento e a precisão de noções que podem compor o que se tem chamado de Teoria do Discurso. Para se ter uma avaliação mais clara dessa importância, basta se dizer que a análise de discurso é uma proposta metodológica nova e que se apresenta como um campo exploratório muito grande em termos de seus princípios teóricos e metodológicos. Isto porque, dada sua natureza, a análise precedeu largamente o seu desenvolvimento teórico.

Por outro lado, mas ainda ao nível da contribuição teórica, esse tipo de projeto, com o tema e o método que se propõe, trará subsídios teóricos importantes para as ciências que tratam da história, da política, da sociedade e da ideologia.

B. Em termos práticos, além da possibilidade de aplicação em ciências diversas, também se podem acumular resultados que poderão ser utilizados didaticamente, assim como podem servir aos domínios de comunicação cultural e de documentação. Por outro lado, esse tipo de projeto dará uma nova configuração às relações de trabalho intelectual e de conhecimento que se produzem na Universidade, a nível de Pós-Graduação.

Com consequências não só para o próprio programa (e corpo docente) como para os alunos (em sua formação e pesquisa, assim como em sua profissionalização), representará uma forma do aluno se integrar em seu currículo (e do professor fazer constar nos seus relatórios de atividades) práticas cotidianas que existem no Programa e que não adquirem ainda um estatuto formal sistemático ins-

tos, se visa construir mais um meio para se situar o aluno no Programa, em suas diversas atividades formadoras, a fim de que ele articule melhor sua relação com os cursos e com seu próprio projeto. O aluno terá a sua disposição um grupo de pesquisas e um fórum de debates, institucional.

... Além disso, essa forma de Projeto trará novas formas de intercâmbio para as relações que acaso possam se estabelecer entre Departamentos, Institutos e mesmo Centros Universitários diferentes.

Bibliografia Inicial

- ABREU, C. de - Capítulo de História Colonial e Os caminhos antigos e o povoamento do Brasil, Ed.Universidade de Brasília, 1963.
- AUSTIN, J.L. - Quand Dire c'est Faire. Paria, Seuil, 1970.
- D'ABBEVILLE, C. Ped - História da Missão dos padres capuchinhos na Selva do Maranhão e terras circunvizinhas. Itatiaia, B.Horizonte, 1975.
- BENVENISTE, E. - Problemas de Linguística Geral. C.Ed. Nacional, São Paulo, 1976.
- BARTHES, R. - Elementos de Semiologia, Cultrix, São Paulo, 1975.
- - Leçon, Seuil, Paris, 1978.
- BARBOSA, L.B.H. - Pelo índio e pela sua proteção oficial, Rio, Tip. Macedo, 1923.
- BARRE, M.C. - Ideologias Indigenistas y Movimientos indios, siglo veintiuno, Mexico, 1983.
- COURTINE, J.J. - "Definition d'orientations théoriques et construction de procédures en analyse du discours", em Philosophiques, vol.IX, nº 2, 1982.
- - "La Toque de Clémentis" em Le Discours Psychanalytique, Grenoble, 1981.
- - "Chroniques de l'oubli ordinaire" em Sediments, Montreal, 1986.
- - "La meilleur des langues", em Linguistique fantastique, Denoel, Paris, 1984.
- - Langages, nº 62, Larousse, Paris, 1981.
- CONEIN, B. et alii - Matérialités Discursives, P.U. de Lille, Lille, 1979.
- COPANS, J. & JAMIN, J. - Aux origines de l'Anthropologie Française, Le Sycomore, Paris, 1978.
- DELEUZE, G. & GUATTARI - Mille plateaux, Minuit, 1980.
- DUCROT, O. - Le dire et le dit.
- - La preuve et le Dire, Mame, Paris, 1974.

DUCROT, O. - Dire et ne pas Dire, trad. Princípios de Semântica Linguística, Cultrix, São Paulo, 1977.

D'EVREUX, I. - Viagem ao Norte do Brasil, Liv. Leite Ribeiro, Rio, 1929.

EDELWEISS, F.- Tupis e Guaranis, Bahia, 1947.

ELIAS, N.- La civilisation des Moeurs, C-Lévy, Paris, 1973.

FOUCAULT, M. - L'ordre du Discours, Gallimard, Paris, 1971.

FISHAMN, J. "Who speaks what Language to whom and when?" Linguistique, nº 2, Paris, 1965.

FOUCAULT, M. - A Aqueologia do Saber, Uerj, Petrópolis, 1992.

GRICE, "Logic and conversation", in The Logic of Grammar, California, Dickenson, P. Co, 1975, pp.64/75.

GRUMBACK, J. - "Pour une Typologie des discours", in Langue, Discours, Société, Seuil, Paris, 1975.

GADET, F. et alii - Les Maîtres de la langue, Maspero, Paris, 1979.

HALLIDAY, M.A.K. e HASAN, - Cohesion in English. Longman, Londres, 1976.

- "As bases funcionais da linguagem", in Fundamentos metodológicos da Linguística. Vol.I, Marcelo Dascal (org.) Global, São Paulo, 1978.

- "La sémantique et la syntaxe", in Sémantique et Logique. (B.Pottier ed.), Paris, Mame, 1976.

HAROCHE, C. - Vouloir Dire, Faire Dire, P.U. de Lille, Lille, 1983.

IHERING, V. - "The Anthropology of the state of S.Paulo", Duprat Comp., 1904.

JOSÉ de Anchieta, Pe - Cartas, Civilização Brasileira, Rio, 1933.

JÉAN de Léry - Viagem à terra do Brasil, Itatiaia, EDUSP, S.Paulo, 1980.

JAMIN, J. - "Naissance de l'observation anthropologique", em Cahiers Internationaux de Sociologie, vol. LXVII, Paris, 1979.

LANGAGES, nº 13,23,24,17,37,41,55.

LANGAGE FRANÇAISE, nº 9 e nº 15.

LECLERC, G. - L'observation de l'homme, Seuil, Paris, 1979.

MALINOWSKI, B. - "O problema do significado em linguagens primitivas" in O significado de significado. Ogden e Richards, Zahar,

- MAINGUENEAU, L. - Genèses du Discours, Mardaga, Bruxelas, 1984.
- _____ - Sémantique de la Polémique, l'Age de l'homme, Lausanne, 1983.
- MILNER, J.C. - L'amour de la langue, Paris, 19
- _____ - Ordres et raison de langue, Seuil, Paris, 1982.
- MARTIN de Nantes, Pe - Relation, Tlp. beneditina, Bahia, 1952.
- MANOEL da Nóbrega, Pe - Diálogo sobre a conversão do gentio, Lisboa, 1954.
- NIMUENDAJU, C. - Textos Indigenistas, Ed. Loyola, S.Paulo, 1982.
- ORLANDI, E. - A linguagem e seu funcionamento, Brasiliense, S.Paulo, 1983.
- PÊCHEUX, M. - Analyse Authomatique du Discours, Dunod, Paris, 1969.
- PERELMANN, L'Empire de la réthorique, Paris, Lib. Philosophique, 1977.
- PONZIO, F. - Produccion Linguistica e Ideologia Social, Madrid, 1974.
- PÊCHEUX, M. & GADET - La langue Introuvable, Maspero, Paris, 1981.
- PÊCHEUX, M. - Les Vérités de la Police, Maspero, Paris, 1975.
- PERELMANN, C. "A propos de l'objectivité de l'information", em Publics et techniques de la diffusion collective, Bruxelas, 1969.
- _____ - "Ethique et sociologie du langage", em Le Langage II, Genebra, 1966.
- PRÍNCIPE de Wed Neuwied, M. - Viagem ao Brasil, Brasiliense, Cia Ed. Nacional, 1940.
- ROSSI-LANDI, F. "A linguagem como trabalho e mercado", in Semiologia e Linguística hoje, Pallas, Rio, 1975.
- REBOUL, O. - Langage et Idéologie, P.U.F., Paris, 1980.
- ROBIN, R. et alii - Le Discours Social, Cahiers de Recherche sociologique, vol.2, abril, 1984.
- RUPERT, A. - A Igreja no Brasil, vols. I e II, Liv. Palotti, Rio Gde do Sul, 1981.
- ROMAN, J.W. - Raíces Índigenas de la Lucha Anticolonilista en Nicaragua, Siglo Veintiuno, Mexico, 1974.

SARTRE, J.P. - Sartre no Brasil, Paz e terra, Unesp, 1986.

SEARLE, Les actes de langage, Paris, Hermann, 1972.

SOBRE o Discurso, Série Estudos, nº 6, Uberaba, 1980.

SERCOVICH, A. - El discurso, el psiquismo y el registro imaginario,
Ed. Nueva Visión, B.Aires, 1977.

STADEN, H. - Suas viagens e cativo entre os índios do Brasil,
ordenado por Monteiro Lobato, Cia Ed.Nacional, S.Paulo, 1945.

STAUFER, D.H. - "Origem e Fundação do serviço de proteção aos índios", Revista de história, S.paulo, 1959/1960.

THEVET, A., Pe. - Singularidades da França Antártica, Cia Ed.Nacional. SP, 1944.

VARNHAGEN, F.A. - História Geral do Brasil, S.Paulo.

Instruções para a concecussão das atividades de arrigamntação do Corpus no Projeto de Análise de Discurso.

Para a coleta do material de arquivos, observar, no Projeto, as páginas 11(final), 12 e 13(início).

Dados os sub-projetos ali arrolados, consideramos, nessa etapa, que se devam coletar dados(textos, referências etc) dos seguintes materiais:

1. Missionários capuchinhos(sec.XVI, XVII e XVIII).
2. Viajantes(séc.XVI, XVII e XVIII), (talvez séc. XIX).
3. Manifestações de arte popular(cantigas, versos, etc(acho que no início são até religiosos...)). Nesse caso, ^{de arte popular,} verificar a história. Pesquisar inclusive as datas de maior interesse. Já as haveria, digo, cantigas etc, nos séculos XVI e XVII?
4. documentos referentes ao Marquês de Pombal(1699/1782) e repercussões nos jesuítas do Brasil. Textos de jesuítas(da época) sobre ou troca de correspondência, leis etc que envolvem o Marquês.
5. História da língua(séc.XVI, XVII, XVIII, XIX, XX).
 - a. Normativização do português do Brasil(Tânia e Bethânia)
 - b. A constituição do Português do Brasil: aspectos discursivos relativos à distinção discurso oral/discurso escrito(ou formalmente:oralidade/escrita). (Solange)
 - c. Aspectos pedagógicos ligados ao como nossas escolas se relacionam com as políticas de língua etc. (Bethania, Tania e Solange.)Os itens b e c podem ter ligações importantes com o 4(Pombal e a expulsão dos jesuítas e seu ensino).
6. Humor.

Não sei o século em que começa a se delinear um "humor brasileiro". Chêrges, piadas, versos, cantigas etc. A se verificar as referências em arquivos.

P.A.D.

OBSERVAÇÕES

A. Como se falou em movimentos importantes de rupturas(?) em nossa história, em passagens de séculos, depois do mencionado na página anterior, se poderá pesquisar:

- a. passagem do século XVIII para o XIX(+ para a história da língua?).
- b. passagem do século XIX para o XX(+ para a política e história da língua e literatura?).

Como vamos tentar mais verba para as viagens, se obtivermos, os que se interessarem poderiam dividir-se ~~me~~ dois grupos de "viajantes de arquivos":

atrasados
em
29.9.1980

- 1. Para os itens de 1 a 6 da página anterior.
- 2. Para as passagens de séculos (XVIII - XIX e XIX - XX).

Os 30.000,00 para o Rio devem-se concentrar na fase 1 (do item 1 a 6) ^{página anterior}

Lugares no Rio:

- 1. Biblioteca Nacional
- 2. Instituto Histórico Geográfico
- 3. Museu Nacional
- 4. Museu do Índio
- 5. ISER (o Manoel: Arquivo do Rubem Cesar. levar fitas para copiar as gravações).
- 6. Outros arquivos (consultar Bethania e Tania).

B. Se for possível a ida à Bahia, verificar, antes, a possibilidade de se informar sobre os arquivos de lá (Nacional? Municipal, etc)

Centralizar no que está na página anterior (item 1 a 6).

C. Brasília

- 1. FUNAI (documentos indígenas: de contato)
- 2. Pro Memoria: históricos variados (inclusive de e sobre índios).
- 3. "Federais": político e parlamentar etc
- 4. Outros(?)

D. São Paulo: Biblioteca (Língua e Literatura), Arquivos?

E. Campinas: Centro de Ciências, IFCH: Leuenroth (saber o que há) etc.

monetividade, brasilidade etc.